



Quintais produtivos: expressões de resistência das mulheres assentadas em territórios de monocultura

Gabriela de Menezes Freitas¹

Vera Lucia Silveira Botta Ferrante²

Flávia Cristina Sossae³

Alexandra Filipak⁴

Resumo: O artigo aborda a participação das mulheres em quintais produtivos de assentamentos na Região Central de São Paulo, ressaltando sua importância como áreas de resistência à monocultura. Esses quintais não apenas simbolizam liberdade, mas também contribuem para a segurança alimentar e a transição agroecológica. Utilizando metodologia de Bola de Neve e diário de campo, o estudo evidencia o impacto positivo dos quintais no convívio familiar e na qualidade de vida dos assentados, com ênfase no trabalho das mulheres. Revela-se que os quintais oferecem variedade de alimentos, promovendo práticas locais e culturais. As mulheres também têm papel crucial na comercialização dos produtos do quintal, contribuindo para a renda familiar e a soberania alimentar. Além disso, a preferência por remédios naturais cultivados nos quintais fortalece os laços comunitários e melhora a qualidade de vida. Em suma, os quintais são espaços de empoderamento feminino, valorização de práticas tradicionais e fortalecimento da identidade rural. Esses espaços são essenciais para uma vida saudável e equilibrada, tanto para as famílias quanto para o meio ambiente.

Palavras-chave: Assentamento rural; Quintais Produtivos; Mulheres; Agroecologia.

Productive backyards: expressions of resistance of women settled in monoculture territories

Abstract: The article addresses women's participation in productive backyards in settlements in the Central Region of São Paulo, highlighting their importance as areas of resistance to monoculture. These backyards not only symbolize freedom, but also reduced to food security and agroecological transition. Using Snowball methodology and field diary, the study highlights the positive effects of backyards on family life and the quality of life of the settlers, with an emphasis on women's work. It turns out that backyards offer a variety of foods, promoting local and cultural practices. Women also play a crucial role in selling backyard products, contributing to family income and food sovereignty. Furthermore, the preference for natural medicines grown on farms strengthens community ties and improves quality of life. In short, backyards are spaces for female empowerment, appreciation of traditional practices and strengthening of rural areas. These spaces are essential for a healthy and balanced life, both for families and the environment.

Keywords: Rural settlement; Productive Backyards; Women; Agroecology.

¹ Bióloga, Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - Universidade de Araraquara – UNIARA. E-mail: gdmfreitas@uniara.edu.br

² Coordenadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado Stricto Sensu) em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - Universidade de Araraquara – UNIARA.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado Stricto Sensu) em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente - Universidade de Araraquara – UNIARA.

⁴ Docente e Pesquisadora do Instituto Federal de São Paulo -IFSP.

Introdução

Os quintais produtivos estão presentes quando trata-se dos estudos envolvendo mulheres assentadas, mas são relatados nos trabalhos acadêmicos de forma acessória à temática envolvendo questões de gênero. Por este motivo, buscou-se olhar para o ambiente dos quintais, na perspectiva de contribuir com as análises sobre gênero e a comunidade rural por meio de estudos complementares e aprofundados, que demonstram a importância da manutenção e dos benefícios dos quintais produtivos em uma ampla dimensão que envolve os efeitos do empoderamento da mulher e de seu pertencimento.

Esses quintais apresentam uma estreita relação com o processo de transição agroecológica por se tratarem de locais de manutenção dos saberes tradicionais e de resistências à crescente prática da monocultura nos assentamentos rurais. Exibem ainda, uma considerável diversidade de espécies vegetais os quais expressam a liberdade pela opção de escolha sobre o cultivo do alimento de acordo com a preferência de consumo da família, contrapondo-se aos princípios da produção de monoculturas. Por meio dessa diversidade de espécies vegetais e animais de pequeno porte, muitas vezes presentes nesses espaços, é possível contribuir para a segurança alimentar com produtos nutritivos e, em grande parte, cultivados sem agrotóxicos.

A importância do quintal se alia ao protagonismo da mulher expressado nestes dois assentamentos estudados, pois são elas as responsáveis pela manutenção e cuidados, fato observado na trajetória de pesquisa das autoras.

Além da produção de alimentos que são destinados ao consumo próprio da família, também está presente a prática diária de conhecimentos tradicionais, no cultivo de ervas medicinais muito utilizadas na cura e prevenção de doenças. Por meio da diversidade das espécies presentes nos quintais utilizadas com finalidade medicinal, chegam a ser reconhecidos em muitas literaturas como “farmácias vivas”. Também são encontradas variedades de plantas ornamentais que embelezam e ressignificam o ambiente, assim como plantas alimentícias não convencionais (PANCs), as quais vêm garantindo espaços inclusive na comercialização, podendo favorecer a geração de renda da família.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar e analisar, de forma qualitativa, os quintais produtivos de dois assentamentos da Região Central do Estado de São Paulo: Monte Alegre e Bela Vista do Chibarro. Pretendeu-se observar e analisar o papel das mulheres na produção dos quintais, assim como caracterizar sua participação no trabalho das unidades produtivas, podendo identificar invisibilidades na divisão sexual do trabalho.

Saberes tradicionais, divisão sexual do trabalho e quintais produtivos

Os quintais produtivos se originam do trabalho advindo da unidade de produção familiar. A divisão sexual do trabalho refere-se às configurações

Freitas et al.

familiares envoltas em diferentes significações. O homem adquire uma posição de ser responsável por um trabalho “pesado”, cuidando da lavoura, criações e da produção que é destinada à comercialização. Paulilo (1987), menciona que a classificação feita entre o que é considerado um trabalho “leve” e “pesado” são categorias que variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra nas várias regiões agrícolas. De fato, há a convicção de que o trabalho feminino é considerado leve e mais barato.

A divisão sexual do trabalho tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Ao passo em que a mulher se destina aos cuidados dos filhos e do lar, assim como ao quintal produtivo, torna esses locais, um ambiente de pertencimento e acolhimento, possibilitando emancipação e empoderamento dessas mulheres. Dessa forma, os quintais adquirem relevância no cotidiano dessas assentadas e, como consequência, da família. Mas é necessário entender que no princípio, os quintais que hoje adquirem essa importância, foram antes considerados pelas figuras patriarcais como a “sobra”, um local que não poderia agregar geração de renda, e, por esse motivo, permitiram que a mulher exercesse outras funções neles.

Para Filipak (2017, p. 21),

“Os quintais produtivos são experiências criadas socialmente pelas próprias mulheres do campo na busca por um espaço de trabalho produtivo que se mistura com os trabalhos de reprodução, doméstico e de cuidados que historicamente e socialmente são delegados a elas”.

Esses locais estão atrelados ao cotidiano das mulheres assentadas, neles, a prática dos conhecimentos tradicionais é exercida de forma involuntária, além de serem reconhecidos pelas mulheres como um espaço de pertencimento e liberdade.

Nos assentamentos rurais, os quintais produtivos também são ligados aos sentimentos afetivos e à prática de tradições e saberes tradicionais ancestrais, por estarem relacionados à sobrevivência por meio do alimento produzido e conseqüentemente às vivências, que são exercidas em cada atividade diária transmitidas às novas gerações. Esses locais são de convivência familiar, de realização de momentos de lazer e das brincadeiras das crianças, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e psíquico.

As mulheres assumem diversas funções diárias além de realizarem as atividades da agricultura familiar, recebem uma sobrecarga de trabalho, não

sendo reconhecidas perante as figuras patriarcais, as horas destinadas a esses cuidados, ainda vistos por um status de inferioridade, muitas vezes definido pela não remuneração.

Piscitelli (2009), afirma que essas desigualdades são naturalizadas devido às distribuições de poder entre homens e mulheres. Segundo a autora, as mulheres têm mais anos de estudos, em média, do que os homens, além de trabalharem mais horas do que eles e mesmo assim, ganham menos. Não há uma divisão equitativa do trabalho doméstico, e quando há, normalmente é compartilhada com outra mulher, sejam elas, mães ou filhas. Ainda a autora coloca que a perspectiva dos papéis sexuais permite contestar pressupostos biológicos sobre os comportamentos de homens e mulheres e isso contribui para situar as mulheres em posições inferiores. Dessa forma, "Alterando-se as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupados" (PISCITELLI, p. 9, 2009).

Paulilo (1987, p. 2) constatou o mesmo fato sobre a desvalorização do trabalho feminino: "Apesar da sutileza empregada na exploração da mão-de-obra feminina, há mulheres que, realizando as mesmas tarefas que os homens, ganham menos." Para ela, o descaso com a realidade vivenciada por essas mulheres, principalmente tratando-se do meio rural, é justamente devido à carência de estudos sobre a mulher no campo.

Segundo Siliprandi (2015, p. 103), "[...] para reverter a situação de invisibilidade e enfrentar a questão do poder, seria necessário, entre outras questões, oferecer-lhes apoio organizativo e possibilitar que as mulheres tivessem acesso a recursos produtivos, para que pudessem desenvolver suas capacidades". A autora também constata que no campo agroecológico persiste uma invisibilidade sobre as questões das mulheres, tal como ocorre na agricultura familiar em geral, em que a participação da mulher não é valorizada, e as suas reivindicações específicas acabam ocupando um espaço marginal, ou mesmo não sendo contempladas nas pautas políticas dessas organizações.

Na perspectiva dessas invisibilidades, há uma importante frente que tem recebido grandes considerações e é pautada pelo feminismo. Uma das formas de enfrentamento à invisibilidade do trabalho da mulher rural, trazida pela perspectiva feminista, perpassa a introdução de uma produção de base agroecológica que implica na transição da retirada de veneno, optando por uma produção consciente e responsável por meio de um planejamento e de alternativas mais sustentáveis. Essa mudança é observada como iniciativa da mulher, principalmente através do seu papel de cuidados com o alimento disponível para a família, despertando, assim, uma consciência e necessidade de consumir produtos nutritivos e livres de agrotóxicos. Por meio dessa iniciativa, observa-se que a mulher garante uma nova perspectiva, onde transmite seus conhecimentos aos membros da família, diluindo a invisibilidade e promovendo menor desigualdade no campo, com relação ao gênero (LEAL *et al.*, 2020).

As mobilizações e os movimentos em torno da agroecologia e do feminismo, transformam significativamente as relações de gênero no campo. A Marcha Mundial das Mulheres, é exemplo de um dos mais influentes movimentos, onde há a construção de pautas e estratégias comuns entre mulheres com culturas e políticas diversas, de relações de respeito e ação conjunta entre mulheres trabalhadoras da cidade e do campo (MARQUES *et al.*, 2018).

Esses movimentos propõem mudanças na sociedade, principalmente no meio rural, onde as mulheres que sempre foram subordinadas com desvalorização monetária, mostram que para existir mais igualdade de gênero, é preciso considerar aspectos que vão desde a classe social até a raça e orientações sexuais (MOREIRA; TELLES, 2020).

A articulação entre o feminismo e a agroecologia fortalece a luta pela autonomia das mulheres e com o passar dos anos mesmo que lentamente, podem mudar-se as perspectivas ultrapassadas.

Quintais no contraste da produção de monocultura

Com relação às formas de cultivo, é notável a diversificação entre as práticas e os manejos. Por um lado, tem-se o uso de agrotóxicos sendo incentivados e facilitados no governo anterior, com mais de 13.300 registros de agrotóxicos em 2019, que são ofertados em forma de pacotes atrativos para os produtores utilizarem nos ciclos das plantações (MORAES, 2019). Por outro, vê-se a crescente conscientização, principalmente por parte da agricultura familiar com relação à saúde dos sistemas naturais, tanto dos solos como das águas, e também da saúde do alimento que é cultivado em específico nos ambientes destinados ao consumo da família.

Nas atuais circunstâncias em que vivemos, mais do que nunca se faz necessário a busca por alternativas de enfrentamento aos efeitos das mudanças climáticas globais, sendo evidente a necessidade de potencializar as experiências orgânicas e agroecológicas, de gestão das diferentes fontes de água existentes, além de incentivar novas iniciativas. A Articulação Nacional da Agroecologia (ANA) define agroecologia como uma forma de agricultura sustentável que retoma as concepções agronômicas anteriores à chamada Revolução Verde. São chamadas de agroecologia as práticas de agricultura que incorporam as questões sociais, políticas, culturais, energéticas, ambientais e éticas, incluindo a agricultura familiar, ou seja, pode ser considerada uma ciência, uma prática e um movimento (ANA, 2006).

A agroecologia se faz presente nos quintais produtivos, pois tratam-se de ambientes ricos em experiências, dinâmicos e resistentes, que ampliam e fortalecem a agricultura familiar, seja na forma orgânica de cultivo, na obtenção dos meios necessários para a sobrevivência e nas práticas dos saberes tradicionais, como também na percepção ambiental, a qual permite consciência e planejamento quanto ao cultivo, respeitando a sazonalidade dos alimentos

e exaltando a biodiversidade. A Agroecologia não é um sistema de produção, mas um enfoque teórico- metodológico, uma ciência de síntese entre várias outras ciências, não apenas entre agronomia e ecologia como a palavra sugere (GLIESSMAN, 2000; GUZMÁN, 2002).

Desta forma, o enfoque agroecológico traz consigo ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliam se considerar, de forma holística e sistêmica, as seis dimensões da sustentabilidade, ou seja: Ecológica, Econômica, Social, Cultural, Política e Ética (CAPORAL; COSTABEBER, 2009). O conceito é amplo, pois pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos e tecnológicos, socioeconômicos e políticos, abrangendo a produção e a circulação dos bens produzidos, até sua chegada aos consumidores (GUZMÁN, 2002).

A extensão do cultivo de monocultura nos assentamentos rurais se ampliou ao longo dos anos, principalmente na região estudada, sendo ainda mais evidente o contraste do quintal produtivo, que engloba árvores nativas, frutíferas, hortas, plantas medicinais, ornamentais, PANCs, animais de pequeno e médio porte, que contribuem para a segurança alimentar, através da disponibilidade da proteína animal e dos seus derivados, como o leite e ovos.

Logo, considera-se o quintal produtivo um local de resistência aos modos de produção da agroindústria canavieira e de outras monoculturas também presentes, como soja e sorgo. O quintal apresenta uma alta diversidade de espécies em um pequeno espaço de terra, permitindo contemplar em sua paisagem as estratificações das árvores e comparar com as estruturas pariformes da monocultura. Um fato relatado nos assentamentos é o aumento da presença de pássaros e outros seres vivos que buscam alimentos também nesses locais, devido ao desmatamento ocasionado pela monocultura, enfatizando os mais diversos problemas ambientais.

É possível verificar alternativas mais sustentáveis e conscientes, muitas vezes sinais de uma diferenciação no manejo do solo, outras são expressões evidentes de que as práticas convencionais não são as únicas existentes nos assentamentos. Nestes sinais e nestas expressões, contam os conhecimentos tradicionais, a troca de experiências entre os próprios assentados e o acúmulo de toda uma existência enquanto grupo familiar rural (LOPES, 2014).

Seguindo essa linha, Ferrante *et al.* (2018) constatou a seguinte questão:

A agricultura familiar encontra-se em uma situação deveras preocupante, face ao padrão tecnológico da agroquímica e ao teor das políticas agrícolas vigentes. A excessiva especialização dos sistemas produtivos e as monoculturas, em uma realidade ecológica caracterizada como de elevada biodiversidade, os leva a uma dependência crescente de agroquímicos, pesticidas e fertilizantes sintéticos, que causam impacto negativo sobre o ambiente, os trabalhadores rurais e os alimentos assim produzidos. (FERRANTE *et al.*, 2018, p. 6).

A agrobiodiversidade presente no quintal produtivo torna-se uma estratégia de preservação de espécies, contribuindo para a sociobiodiversidade e também na segurança alimentar gerada para a família. O quintal traz em sua trajetória forma mais primitiva de produção e manejo da terra, demonstrando seu bom uso na sustentabilidade alimentar (AMARAL; NETO GUARIM, 2008). Pode ser considerado, ainda, um embrião da agroecologia pelo fato da priorização de um cultivo livre de agrotóxicos, o que proporciona uma maior qualidade dos alimentos produzidos.

Wanderley (2003), traz uma importante discussão com relação à modernização da agricultura e as problemáticas que são decorrentes deste fato:

O saber tradicional dos camponeses, passado de geração em geração, não é mais suficiente para orientar o comportamento econômico. O exercício da atividade agrícola exige cada vez mais o domínio de conhecimentos técnicos necessários ao trabalho com plantas, animais e máquinas e o controle de sua gestão por meio de uma nova contabilidade. O camponês tradicional não tem propriamente uma profissão; é o seu modo de vida que articula as múltiplas dimensões de suas atividades. A modernização o transforma num agricultor, profissão, sem dúvida, multidimensional, mas que pode ser aprendida em escolas especializadas e com os especialistas dos serviços de assistência técnica.(WANDERLEY, 2003, p. 46).

Essa modernização implica na diluição da cultura popular, impondo outros recursos como princípios básicos e necessários, tornando o conhecimento adquirido e até então suficientes para a produção, desvalorizado. Assumindo a posição de “ultrapassados”, os quintais produtivos são locais que tornam-se refúgio para essa realidade, onde neles, bastam os saberes tradicionais para funcionar e fluir, de forma leve.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a “Bola de Neve”, a qual implica em uma seleção de populações iniciais para o estudo, estas, no caso, sendo as famílias assentadas conhecidas através de outros projetos em parceria com o NUPEDOR⁵. Além disso, “O método de amostragem em bola de neve permite ao pesquisador encontrar populações que ele não conseguiria através de outros métodos” (DEWES, 2019, p.12).

A população inicial é composta por indivíduos que normalmente se tem algum primeiro contato ou uma relação de proximidade. No caso do estudo, foram duas mulheres que já participaram de outros projetos junto ao NUPEDOR

⁵ Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural que há mais de 30 anos estuda a problemática da agricultura familiar e de assentamentos rurais, questões de reforma agrária, políticas públicas voltadas a essa temática e às diferenciadas e integradas pesquisas realizadas na região.

e aceitaram participar do presente trabalho. Com isso, essas mulheres acabaram indicando outras, e essas outras, também fizeram novas indicações, criando um circuito de mulheres que apresentassem um perfil coerente com a pesquisa. Esta metodologia é portanto, baseada nas indicações de cada pessoa e conforme são aceitos os convites para participar, se consolida a amostra.

A pesquisa contou também com a observação direta, técnica derivada da Antropologia, bem como a montagem de diários de campo, o que permite ao pesquisador a liberdade de captar essências, pelo fato de evitar os constrangimentos que um gravador possa causar ao entrevistado (WHITAKER, 2002).

Esse registro deve ser preciso, demandando atenção e respeito quanto às falas da pessoa entrevistada, evitando-se interrupções mesmo quando as conversas se distanciam do proposto. Dessa forma, garante-se conforto e segurança, permitindo relações confiáveis com diálogos verdadeiros e completos, onde observa-se, inclusive, pequenos gestos e impressões que ganham significados importantes para os diários. Essa forma de registro possibilita um material empírico, ao captar histórias de vida, o dia a dia das famílias assentadas e os contextos vivenciados por elas, principalmente quanto à questão de gênero, além de uma descrição do ambiente dos quintais, permitindo uma análise de todos os processos priorizados nesse trabalho.

Os dados qualitativos foram obtidos com a utilização de um roteiro de perguntas semiestruturadas para os atores envolvidos com a utilização de questões abertas e fechadas. O intuito das entrevistas foi a busca de dados individuais e coletivos, inclusive levando em consideração os princípios da etnobotânica, a qual permite um estudo detalhado sobre a relação do indivíduo com a planta e o modo como são utilizadas, possibilitando adicionar novas questões e soluções no decorrer da pesquisa. Progressivamente destaca-se o protagonismo e as invisibilidades das mulheres, as práticas agroecológicas e a importância da manutenção dos conhecimentos tradicionais exercidos nesses ambientes.

Igualmente reuniões foram realizadas após o início da rede Ramas Girassóis, constituída por mulheres assentadas do Monte Alegre que há dois anos se uniram para se apoiar e organizar no processo de produção e renda, comercialização e agroecologia, o que foi fundamental para estreitar laços e inserir duas mulheres na construção metodológica da discussão de quintais produtivos.

Membros da referida rede indicaram outras duas mulheres do assentamento Monte Alegre. Já no assentamento Bela Vista do Chibarro, o primeiro contato foi estabelecido por meio de indicação de uma pesquisadora do NUPEDOR, e outras duas assentadas foram nomeadas em sequência. Dessa forma, se constituiu o grupo de 7 mulheres assentadas, protagonistas de suas histórias e da relação privilegiadas neste artigo com os quintais produtivos.

Assentamentos rurais: caracterização da região a ser estudada

A Região Administrativa Central de São Paulo (RAC) é composta por 26 municípios, e nesses, se concentram cerca de um milhão de habitantes. Os mais populosos sendo São Carlos, com 254.484, Araraquara com 238.339 habitantes, seguidos de Matão, com 83.170 habitantes, sendo os dois primeiros considerados sedes da região. O município que apresenta a maior área é São Carlos, abrangendo mais de 1.130 km² e, em seguida, Araraquara, totalizando uma área de 1.004 km². Porém, muitos trabalhadores rurais vivem no perímetro urbano, bem como os trabalhadores rurais temporários de origem externa aos municípios, que são considerados como população urbana, o que leva a uma subestimação da população rural de tais municípios (SEADE, 2020).

A região também possui uma série de assentamentos rurais. Em Araraquara, há três assentamentos rurais, sendo dois deles de responsabilidade da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) (vários núcleos), e um do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (Bela Vista do Chibarro), sendo advindos de diferentes políticas públicas implementadas ao longo dos últimos 30 anos. A partir da década de 2000 novos assentamentos surgiram, inclusive com outros modelos, como o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), do Santa Helena e do 21 de dezembro, nos municípios de São Carlos e Descalvado, respectivamente (LOPES *et al.*, 2017).

É relevante destacar que a maior parte das áreas agricultáveis dessa região é ocupada por monoculturas, sendo notável uma paisagem tomada por grandes extensões de terra que são ocupadas pela cana-de-açúcar, laranja, café e eucalipto. A região de Araraquara caracteriza-se ainda pelo alto dinamismo do agronegócio, com empresas sucroalcooleiras e madeireiras cobrindo uma vasta extensão territorial. Evidenciando o contraste com estes tons de riqueza, a região apresenta um histórico de exploração e precarização dos trabalhadores e do uso da terra, com um tipo de agricultura convencional extremamente nociva em termos da utilização dos recursos naturais, voltada às *commodities* e à agroexportação (FERRANTE *et al.*, 2012).

Conforme a Tabela 1, atualmente, os assentamentos da região de Araraquara abrangem um universo de 612 famílias assentadas. A pesquisa foi realizada empiricamente neste universo, que contempla diferenciações entre assentamentos de gestão federal e estadual e foram criados em diferentes conjunturas.

Os dilemas da inserção regional desses projetos de assentamento não se referem apenas à trajetória das famílias – um retrato das contradições dessa modernização agrícola – ou à participação no mercado que esses produtores assentados têm ou almejam ter. Desde a sua instalação, o conflito com forças políticas representativas do complexo agroindustrial da cana se fez presente, pautando em muito a discussão sobre os projetos de desenvolvimento dessas experiências de reforma agrária. Inegavelmente, a expansão da cana põe em

questão a gestão do trabalho no interior dos assentamentos. Entretanto, a produção para o autoconsumo e a recuperação de um possível *ethos* camponês continuam tendo peso significativo no viver dos assentados, assim como as perspectivas de diversificação e os papéis das mulheres que em nenhum momento foram dissolvidos com a integração nas parcerias (FERRANTE, 2021).

As famílias assentadas encontram durante todo o período de vida nos assentamentos um forte assédio para que se tornem fornecedores de matéria prima para usinas da região. Esta condição estruturante do modo de vida das famílias coloca em perspectiva sua análise enquanto sistema produtivo hegemônico – a integração agroindustrial – e suas consequências econômicas, sociais e ambientais. No presente, novas formas contratuais vêm sendo impostas na relação entre assentamentos e agroindústrias do setor sucroalcooleiro.

Tabela 1 – Projetos de assentamentos rurais da microrregião de Araraquara-SP.

Nome do Projeto	Município Sede	Área (ha)	Nº de famílias (capacidade)	Famílias Assentadas	Ano de criação
PA Bela Vista do Chibarro	Araraquara	3.842,3219	210	201	1990
PE Horto Sylvania	Matão	405,4000	19	19	2000
PE Monte Alegre I	Motuca	726,0000	49	48	1985
PE Monte Alegre II	Motuca	857,7000	62	62	1985
PE Monte Alegre III	Araraquara	1.099,5600	81	78	1986
PE Monte Alegre IV	Motuca	679,3500	49	48	1986
PE Monte Alegre V	Motuca	483,7600	34	34	1991/1992
PE Monte Alegre VI	Araraquara	1.253,9400	96	92	1996
PE Bueno de Andrade	Araraquara	472,4100	31	30	1998
Total		9.820,44	631	612	

Fonte: NUPEDOR, 2018.

Porém, em contrapartida, há vários outros aspectos a serem analisados neste universo empírico que envolve o campo social dos assentamentos e seus modos de vida. Em meio ao mar de monocultura de cana, emergem situações como práticas e organizações agroecológicas, potenciais diferenciados dos assentamentos no abastecimento urbano e o reconhecimento dos protagonismos

femininos. Novas organizações focadas na transição agroecológica surgiram nos últimos cinco anos e vêm desafiando as estruturas produtivas hegemônicas da região com uma produção diversificada, comercializada em cadeias curtas de comercialização como as feiras municipais.

Resultados e discussões

A história de protagonismo das mulheres assentadas

Dentro do assentamento pode se tornar um desafio encontrar um determinado lote, pois o cenário é de muitas estradas de terra, rodeadas pela cana e que não possuem placas de identificação. Nessa busca, é possível vivenciar o contraste dos quintais que são os pequenos pontos de diversidade em meio à monocultura que contorna os lotes. No Assentamento Monte Alegre, foram entrevistadas quatro mulheres que apresentam em suas histórias, o quintal produtivo, como um local de pertencimento.

Elza, 55 anos, casada e sem filhos, vive no assentamento há 7 anos, nesse tempo procurou fazer melhorias no local através de um planejamento para tornar o seu lote um ponto de turismo rural. A idéia surgiu devido a sua criatividade e dedicação diária no quintal, fazendo diversos espaços paisagísticos, que englobam árvores nativas, frutíferas, hortaliças, Plantas Alimentícias Não-convencionais e muitas ervas medicinais. O uso das ervas medicinais é parte do seu cotidiano, sendo compartilhado com vizinhos e parentes a sua experiência:

Faço muito uso principalmente da Erva Cidreira e do Capim Santo. Faço chás que ajudam muito com a ansiedade e para a digestão. A Cidreira de folha, eu uso muito ela para o intestino, é ótima para infecção intestinal e serve para a pressão alta também. E resolve viú? Me ajudam bastante! Vivo preparando esse chá (Elza, 2021).

Uma das plantas medicinais encontradas em seu lote foi a Colonia, a qual é conhecida na Bahia e pela Elza como Levante, disse ter descoberto recentemente através de sua própria vivência e necessidade, ser uma espécie anti-inflamatória: *“Ela é muito boa viu, eu estava com o dente meio dolorido na gengiva, aí tomei um chá dela e não é que eu fiquei boa do dente? Daí eu falei: Ah, ela é anti-inflamatória também. E eu amo o chá, daí que eu abusou!”*, demonstrando toda a sua empolgação em fala por ter encontrado uma nova propriedade medicinal da planta já existente em seu quintal.

As “farmácias vivas” estão presentes na maioria dos quintais produtivos e cumprem importantes funções na saúde dos indivíduos como também na experiência de vida, no conhecimento adquirido no cotidiano e nas relações com o meio ambiente.

Enquanto o marido trabalha fora do lote, colhendo laranjas para a Empresa Cutrale, Elza garante a manutenção do quintal e da casa sozinha, diariamente.

Realiza uma jornada com cerca de 20 horas de atividades que vão desde o preparo dos alimentos, garantindo as refeições dela e do marido, os afazeres da casa, a manutenção do lote que possui uma pequena horta, e os manejos necessários como podas, plantio de mudas e colheitas.

Jusefa, 72 anos, aposentada, viúva e mãe de um filho, vive no assentamento há 20 anos, sozinha durante os dias de semana, mantém o quintal e sua casa. O grande amor é pelas ornamentais, mais especificamente por Rosas-do-deserto e Orquídeas. Apesar da idade, a assentada faz questão de exercer diversas atividades necessárias para a manutenção do local, enfrentando as dificuldades que lhe são exigidas. O cultivo de hortaliças é realizado por meio de um sistema de hidroponia, destinado principalmente ao autoconsumo, ainda que existam desperdícios pela incapacidade de comercialização do excedente, já que recebe apenas ajudas esporádicas dos vizinhos para comercializar alguns produtos, ainda assim, agregando com a renda.

Recentemente, realizou um sonho antigo de conseguir a habilitação de trânsito, aos 70 anos, e provou que sempre há tempo, coragem e persistência diante das necessidades aumentadas com a idade, trazendo mais autonomia e segurança para alguém que vive sozinha no assentamento.

Jiseli, tem 58 anos, é casada e mãe de três filhos, reside no assentamento há 17 anos. Em seu lote, abriu uma padaria que faz parte da Rota dos Ciclistas – um movimento popular, impulsionado durante a pandemia do COVID-19, que contempla diversos ciclistas da região de Araraquara-SP e tem como destino o Assentamento Mote Alegre e alguns pontos específicos, como o lote da Jiseli, incentivando o turismo rural – onde produz e comercializa produtos artesanais utilizando a maior parte da matéria-prima existente em seu lote, além disso, participa de feiras semanais e eventos científicos, oferecendo um serviço de “coffee break”.

Ela é quem realiza sozinha toda a confecção dos produtos, mas recebe apoio do marido que à acompanha na comercialização. Hoje, o sustento da Jiseli é totalmente advindo do seu trabalho. A definição de plantio de algumas áreas é realizado conforme a necessidade da matéria-prima das receitas e do respeito com a sazonalidade das espécies.

A sua receita mais famosa e muito apreciada pelos vegetarianos, é o pão de Ora-Pro-Nóbis, uma criação original e que atrai uma clientela fiel todas as semanas. Esse pão, além de saboroso e diferente, é feito com produtos naturais, orgânicos garantindo uma receita com maior percentual proteico, característica específica da planta. A idéia surgiu através do seu cotidiano, após ter lido em uma matéria sobre os nutrientes e benefícios presentes na planta, começou a cultivar uma muda que se desenvolveu muito bem no local e com isso, realizou diversos testes até chegar nessa receita especial, que faz o seu sucesso.

Léa, 39 anos, casada e mãe de dois filhos com 5 e 7 anos, mora no assentamento há 12 anos. Léa contou sobre uma forte vontade em transformar

Freitas et al.

sua casa numa espécie de hospedaria, de forma que pudesse oferecer almoço e refeições. Para isso, é necessário algumas modificações e reformas, que estão no planejamento, num “caderninho dos sonhos”, como disse. De fato, em poucas palavras de uma conversa, é possível notar o empreendedorismo e a iniciativa por parte dela. Conforme seus gostos, “de tudo um pouco”, ela realiza diversos cursos, acreditando que todos agregam e podem contribuir em algum momento. Fez cursos de artesanato, apicultura, paisagismo, produção de tomates, empreendedorismo, e até de hidroponia.

Léa passa boas horas do dia cuidando do seu quintal. Depois de um certo tempo e algumas tentativas mal sucedidas, hoje, aprendeu a cuidar de todos os tipos de plantas. O amor por paisagismo começou logo no início em que se mudaram para o lote, após ganhar as primeiras mudas de seus vizinhos. Vendo a diferença que essas plantas poderiam fazer, permitindo ótimas sombras e ainda embelezando a sua casa, o interesse aumentou. Além disso, comentou sobre fazer muito uso das ervas medicinais, onde muitas mudas são advindas também de doações. Ela visa as necessidades dos filhos preparando chás alternados com essas ervas diariamente: *“Prefiro já prevenir os problemas com esses chás, do que ter de dar remédio. Graças a Deus eles quase nunca ficam doentes!”*. (Léa, 2021).

A assentada demonstra-se interessada na produção de base agroecológica e já aderiu ao hábito de composteiras e adubos orgânicos na área de cosumo da família e no jardim. Mas, diante desses problemas que enfrentam devido à monocultura – inclusive bem próxima da residência – e ciente do veneno que invade até mesmo o lençol freático, ela disse que acaba sendo uma ilusão acreditar que consome um alimento orgânico diante dessas circunstâncias.

As três mulheres entrevistadas que residem no Assentamento Bela Vista do Chibarro, são pioneiras e também possuem histórias de protagonismo com relação ao cultivo do quintal produtivo e do lote como um todo.

Maria Rezadeira, como é popularmente conhecida, tem 78 anos, viúva, é agricultora e residente no assentamento há mais de 30 anos. É mãe de nove filhos, mas apenas três residem no assentamento. Explicou que sendo hoje viúva, ainda pode ser difícil a vida de agricultora, mas que naquela época, com um marido trinta anos mais velho, era pior, já que o mesmo oprimia a sua opinião e a participação nas decisões do lote. Um dos filhos, é o atual responsável pelas negociações da produção familiar, mas tudo recebe a supervisão e aval da Dona Maria, garantindo atualmente a sua autonomia e liberdade.

D. Maria Rezadeira diversificou a produção, incluindo diversas espécies frutíferas, uma pequena horta, eucalipto e a cana de açúcar, destinada ao trato da criação de gado, galinhas caipiras e suínos. Em sua fala há uma notável relação de gratidão com a terra e por permitir o cultivo, a obtenção de temperos e ervas medicinais, as quais, são diariamente utilizadas por ela. Ainda enfatiza

a importância do cultivo sem veneno, mesmo que nunca tenha realizado um curso sobre agroecologia, demonstra um bom conhecimento adquirido por suas próprias vivências, explicou que o uso de herbicidas na lavoura acarretou sérios problemas na produção do feijão. Hoje, aproveita os recursos do próprio lote para combater pragas e doenças, evitando assim o uso de agrotóxicos e insumos externos.

Atualmente a sua principal fonte de renda é a aposentadoria, sendo a produção do lote um complemento e, principalmente, contribuindo para o autoconsumo. Os produtos também acabam sendo comercializados no lote, pois segundo ela, existe bastante procura pelas frutas, e, de modo geral, o valor oferecido pelas caixas é muito inferior ao preço encontrado no mercado.

O que também impressiona em sua história, é a idade avançada e o enforço que muito lhe exigem para a manutenção da produção do lote, mesmo que receba a participação e ajuda dos filhos; diversas de suas falas demonstram que aos 78 anos, D. Maria Rezadeira cozinha, limpa a casa, retira as folhas do quintal, cuida do galinheiro e das frutíferas próximas à residência.

Com sua história de vida, é possível verificar pontos importantes como a valorização do trabalho da mulher agricultora a partir do orgulho que ela apresenta de sua profissão e de sua trajetória no meio rural, como também a produção de quintal e os conhecimentos tradicionais relacionados aos sistemas agroecológicos, considerando todas as práticas realizadas por ela nos seus espaços produtivos.

Zulmira, 61 anos, é casada e mãe de quatro filhos, vive no assentamento há 32 anos. Foi em 2011 que construíram a casa que hoje residem, fizeram antes, três barracos, e a água, vinda de uma represa ao fundo do lote, era o que possibilitava a construção para a moradia. Tempos depois, construíram um poço cacimba, permitindo que ficassem mais perto da estrada. Em tom de empolgação, Zulmira desabafou: *"Porque meu sonho era ter poço artesiano, ver tudo eletrificado, escola, então cheguei sonhando mesmo. A terra boa a gente já tinha, então ficamos."* (Zulmira, 2021).

Ela relatou sobre como é ser mulher agricultora, ter perfil de liderança e a visão dos homens, principalmente de alguns anos atrás e que até hoje permanece. Além de seus sonhos para o futuro do assentamento:

Chegou o pessoal da Comissão Pastoral da Terra (CPT) pra me procurar. E eu comecei meu trabalho aí. Fui indo e comecei a sonhar com 29 mulheres. Os maridos "machões" não deixavam, né? O meu falava: reunião pra quê? Aí elas foram saindo e eu fui ficando sozinha porque nenhum marido queria e elas não resistiram. Eu bati e pé e permaneci porque eu não estava buscando só pra mim, era para todos. Porque aqui é o paraíso, e cada benfeitoria que pudesse trazer pra cá era um ganho a mais. A grande preocupação minha sempre foi segurar os jovens na terra. Não adianta só

Freitas et al.

eu sonhar, hoje eu estou com 67 anos, e os jovens, como ficam? Tem que fazer alguma coisa de lazer, produção voltada para eles. Mesmo que eles vão estudar lá fora, mas que busquem conhecimento para voltar para a terra. Porque é uma herança que a gente vai deixar pra eles. Eu não podia para ali. Eu já sabia o suficiente para eu produzir, mas os meus filhos não sabem e precisam aprender. Eles precisam valorizar o lugar onde eles estão morando e a riqueza que isso aqui tem, da terra, da localização, das benfeitorias que isso aqui tem. Eu sempre falei para meus filhos que vou deixar um legado que nenhum ladrão vai tirar, são os maiores projetos que vão beneficiar várias gerações que é a eletrificação, os poços artesianos, o posto de saúde, a escola, estruturada (Zulmira, 2021).

Ainda com relação à questão de gênero no assentamento, Zulmira contou já ter sofrido muito preconceito por ser mulher e principalmente por assumir um lugar de luta pelos direitos da mulher e da comunidade. Concluiu com uma fala expressiva: “Pra eles lugar de mulher é em casa, mulher não tem que ficar enfiando a cara onde não é para mulher. Não tive dificuldade para me comunicar com a comunidade e nem com o poder público. Não digo a agressão física, mas a verbal sim. Sempre teve muita violência”. (Zulmira, 2021).

Disse sobre nunca ter deixado de produzir no lote e por este motivo, não era possível ser somente dona de casa, com isso, nem sempre esteve em dia com relação à organização do lar, mas de certa forma, não deixou de fazer o necessário. Inclusive, a manutenção do quintal é ela quem faz. Recebe ajuda dos meninos vez ou outra, mas na maior parte, diz resolver sozinha e até mais rápido. A criação de galinhas também está crescendo e ela pretende construir um galinheiro. Zulmira, enfatizou: “Nunca teve divisão das tarefas domésticas. As minhas crianças desde pequenas sempre me ajudaram, mas o marido nunca participou. Minhas meninas desde muito cedo empre ensinei a fazer as coisas da casa, mas nunca tive ajuda da parte dele.”(Zulmira, 2021).

Ainda sobre o quintal, disse possuir o necessário para o consumo da família, mas que almeja melhorar com uma área de horta:

Meu filho cortou o pé de jaca pra gente fazer a horta. Quero um canteiro de cebola, temperos. Eu tinha uma horta pequena, mas a gente foi plantando os pés de banana, de manga, e foi tomando conta do espaço da horta. A gente usa bastante as ervas e os chás. Mas eu quero reorganizar esse espaço, pelo menos pra consumo. A mandioca a gente sempre tem. O consumo aqui em casa é grande. Café até pouco tempo era só o produzido aqui. Frango a gente sempre tem também, não tem gasto com essas coisas. Quando a gente chegou aqui não tinha nada de árvores, era só capim colônia.(Zulmira, 2021)

O lote possui algumas espécies nativas e frutíferas principalmente ao redor da casa, proporcionando sombra. O restante é todo preenchido pelo sorgo, uma

quantidade que chega a parecer um mar, daqueles horizontes que até aonde os olhos enchem, só veem a mesma coisa.

Maria, 66 anos, viúva, mãe de três filhos, mora há mais de 20 anos no assentamento, hoje, sozinha em seu lote, é conhecida como a “dona das pimentas”, devido ao cultivo de pimentas dedo-de-moça, onde a sua produção é inteiramente destinada para um frigorífico que a utiliza em uma receita de linguiças, garante uma renda extra para a assentada.

A sua história de vida passa por períodos de muito sofrimento com o ex-marido, que a agredia fisicamente, verbalmente, ocasionando dois abortos por espancamento. Quando decidiu fugir deste relacionamento, enfrentou mais dificuldades, com três filhos e sozinha, chegou a passar fome. Ela contou que diante de tantos traumas, nunca mais quis saber de conhecer outra pessoa e casar novamente.

Conquistou o lote através de seu pai, que começou a produzir sozinho e quando adoeceu, ela foi prestar ajuda e cuidados, fazendo com o pai passasse o lote para ela quando se foi. Entendeu como uma oportunidade para fazer o melhor possível daquele local: *“Na agroflorestas eu quero plantar frutas, agora que tenho aposentaria, consigo ajuda de tratonista, ai tenho ajuda do meu sobrinho e do meu filho nesses dois hauqueres, e no restante eu trabalho sozinha”*. (Dona Maria, 2021). Desde então, ela contou nunca mais ter passado fome na vida, através de seu quintal produtivo.

Diante de todas essas histórias de protagonismos e de resistência dos quintais produtivos, é importante ressaltar que em todos os sete casos estudados, o lote era cercado por monoculturas de cana-de-açúcar, soja ou sorgo. Portanto, os pontos de biodiversidade e agroecologia são advindos dos quintais produtivos, que contornam as casas dos lotes e permitem contribuir com a Segurança Alimentar dessas famílias.

Levantamento Etnobotânico: expressão da diversidade dos quintais produtivos

Foram levantadas um total de 92 espécies vegetais, sendo 18 espécies de ervas aromáticas, dentre elas, 14 podem ser classificadas também como medicinais através de seus usos relatados nas entrevistas. Totalizando 29 espécies medicinais presentes em apenas 7 lotes analisados. Quanto às frutíferas, contabilizou-se 25 diferentes espécies, dentre elas, ainda há variedades não contabilizadas que foram “generalizadas” na tabela, como as espécies de limão, laranjas, mangas, entre outras. Com relação às plantas ornamentais, também apresentam características distintas que englobam paisagismo e podem ainda ser comestíveis, foram levantadas 30 espécies. Muitas espécies aparecem de forma significativa em todos os quintais produtivos, como por exemplo, o boldo, hortelã e alecrim.

Com relação às Ornamentais, as variedades de rosas foram encontradas nos sete quintais, apresentando diferentes significados entre as mulheres. Algumas

Freitas et al.

utilizam as flores em banhos, outras relacionam com memórias afetivas, sobre as mães, avós e parentes que cultivavam a espécie, e ainda, por questões de gosto, explorando o paisagismo com as flores coloridas. E as frutíferas, muitas espécies também estão presentes em unanimidade nos quintais analisados, sendo elas: banana, mamão, goiaba, laranja, limão, amora e jaboricaba.

Foram relatados através dos diários de campo que a maior parte dessas espécies encontradas nos quintais, foram presentes de vizinhos, amigos e familiares. Algumas também apresentam características de serem espontâneas, como é o caso das PANC's.

Considerações finais

Os quintais produtivos são dinâmicos, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas que os cultivam. No presente trabalho, quintais foram analisados e constatou-se que em todos é realizado o plantio de hortas destinadas ao autoconsumo. Em todos os lotes há criação de galinhas e em metade deles há a presença de suínos, bovinos e um caso de apicultura. Portanto, constata-se que, em todos os casos, os quintais produtivos podem contribuir para a Segurança Alimentar dessas famílias, tendo em vista que os alimentos produzidos nesses ambientes são cultivados de forma orgânica, mantidos pela mão de obra familiar, o que estimula práticas e culturas locais, perpetuação dos conhecimentos tradicionais e uma grande variedade de alimentos. Considera-se ainda, o respeito com relação à sazonalidade das espécies, permitindo frutas e outros alimentos em todas as estações do ano.

É válido colocar que esses quintais contribuem com a Segurança Alimentar, na forma em que complementam a dieta alimentar das famílias, mas também, na maioria dos casos, há a necessidade de compra de mantimentos externos ao lote. Existem diversos enfrentamentos e dificuldades a ser considerados no modo de vida dos assentamentos. Tais fatores não anulam a importância do quintal produtivo, mesmo diante dos desafios e empecilhos da monocultura.

Além disso, notou-se que a presença da mulher nos quintais interfere na diversidade e qualidade desses locais. Mesmo que protagonistas, algumas mulheres têm menos tempo hábil para dedicar-se nos cuidados, por exercerem um trabalho ou outras atividades fora do lote, implicando em uma biodiversidade menor do que àqueles cultivados por assentadas que trabalham e dedicam-se de maneira intensa ao quintal produtivo. Um caso que expressa essa relação foi o da Zulmira, que há muitos anos trabalha no Posto de Saúde, fato que determinou uma menor diversidade de espécies em seu quintal. Há lotes em que a renda familiar é complementada com a aposentadoria. E em outros, o homem traz a principal fonte de renda através do trabalho externo.

A relação das mulheres participantes deste estudo com os seus quintais é diversa. Jiseli, utiliza produtos do quintal como matéria prima para os pães e

bolos que são destinados à comercialização e agregam na renda familiar. Léa, garante uma renda extra através da comercialização do mel, o qual possui um valor de mercado elevado. D. Maria e Maria Rezadeira cultivam o quintal para o autoconsumo, e comercializam o excedente quando há procura. Jusefa depende da ajuda de outras pessoas para comercializar a produção de horta, no momento tem sido destinado para o próprio consumo, ocasionando determinado prejuízo devido à perda do excedente. Elza e Zulmira, são mulheres que não dependem de uma renda advinda do lote, portanto, não comercializam os produtos dos quintais, mas estes garantem a soberania alimentar de suas famílias.

O levantamento de 29 espécies de ervas medicinais, constata uma relevância expressiva às preferências das mulheres do estudo em utilizar remédios caseiros e naturais do que os industrializados comercializados em farmácias. Essas ervas são compartilhadas entre os familiares e vizinhos, incentivando o conhecimentos empírico e adquirido pelas mulheres em prol da sociedade em que vivem. Quando há uma diversidade em ervas medicinais no lote, pode ser considerado que existe uma “farmácia viva” no local, pois a prevalência no uso de alternativas que são naturais e que auxiliam na luta e na prevenção de doenças, são comprovadas cientificamente e inclusive, adotadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo uma melhor qualidade de vida dessas pessoas.

Os quintais produtivos expressam resistência com relação às monoculturas, por serem extremamente ricos em diversidade, como pôde ser constatado através do levantamento de 92 espécies vegetais nos lotes analisados. Enquanto grande parte da área desses lotes, mais da metade ou até mesmo a totalidade, são arrendados ou destinados ao cultivo da cana ou soja, o quintal produtivo, que recebe apenas a área ao redor da casa, consegue apresentar uma enorme variedade de espécies vegetais e animais.

Deste modo, os quintais nos assentamentos rurais são pequenos e poucos espaços quando comparados com os hectares do lote e conseqüentemente, da monocultura, mas permitem a expressão de autonomia e liberdade com relação à opção de escolha do que plantar e produzir, conforme os gostos pessoais e as memórias afetivas. É fato que eles não têm poder de enfrentamento ao agronegócio, mas expressam essa resistência através da permanência de uma tradição, simbolizam uma resistência humana, visto que pessoas se mantêm no campo, criam laços e raízes com a terra, vivendo uma vida mais saudável e equilibrada. Os quintais permitem não haver uma vida de privação, e, ao mesmo tempo, reproduzem valores próprios da comunidade rural.

Esses espaços servem ainda de refúgio para os seres vivos que perdem a garantia do habitat e como conseqüência, há a diminuição do alimento disponível na natureza devido ao modo de cultivo em massa dessas monoculturas e ao uso excessivo de venenos, o que gera desequilíbrio no meio ambiente. Como observado no lote da Jiseli, há um aumento de tucanos que buscam se alimentar

Freitas et al.

através das frutas disponíveis no quintal.

Em todos os casos analisados, as mulheres são protagonistas no cultivo dos quintais, exercendo os conhecimentos tradicionais constantemente em prol de uma melhor qualidade de vida que beneficia a si próprias e seus familiares, através da priorização de uma produção livre de veneno, da diversificação dos alimentos que permitem contribuir na dieta nutritiva. O artigo demonstrou o papel das mulheres como figuras fundamentais para a manutenção da tradição dos quintais produtivos.

As mulheres, no trabalho dos quintais, redefinem as relações desiguais de gênero. Elas se tornam protagonistas, valorizadas e seu trabalho deixa de ser invisível. Elas redefinem a relação com o homem, ocupando um espaço de construção de igualdades. Redefinem a divisão sexual do trabalho pois o seu trabalho começa a ser importante e central para a família, produtivo, ambientalmente seguro e promove a igualdade de gênero.

O espaço do quintal é como demonstrado, um meio de socialização e trocas de experiências entre os membros de uma família, destinação de um tempo de qualidade que estreita os laços afetivos. Local que permite atender diversas necessidades humanas, sejam elas fisiológicas, sociais, de estima e auto realização. Expressão da identidade das assentadas, os quintais produtivos têm que ser valorizados nas análises sobre os modos de vida no campo e sobre gênero.

Referências

AMARAL, Cleomara Nunes; NETO GUARIM, Germano. Os quintais como espaço de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém/PA. v. 3, n. 3, p. 329-341. 2008.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Carta Política do II Encontro Nacional de Agroecologia**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2019/09/carta-politica-iiena-pdf.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: uma ciência do campo e da complexidade**. Brasília, DF: 2009.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. UFRGS, Porto Alegre, 2013.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta *et al.* Um retrato das regiões da pesquisa. **Retratos de Assentamentos**, v.15, n.1, 2012.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta *et al.* **Construindo eles entre Agroecologia**

e Comunidades rurais: desafios da relação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Araraquara: Universidade de Araraquara, 2018.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **O presente e o futuro dos assentamentos rurais:** dilemas e ressignificações. Araraquara: Universidade de Araraquara, 2021.

FILIPAK, Alexandra. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil (2003-2015):** análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Informações dos municípios paulistas.** 2020. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/>. Acesso em 07 ago 2022.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia:** Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 653p.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latinoamérica. *In: Agroecología: El camino hacia una agricultura sustentable* (Sarandón S, ed.). Buenos Aires-LaPlata: Ediciones Científicas Americanas, p. 57-81. 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

LEAL, Larissa *et al.* Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. *Perspectivas em Diálogo*, **Naviraí**, v. 7, n. 14, p. 31-54, jan./jun. 2020.

LOPES, Antônio Wagner Pereira *et al.* Práticas e Estratégias em Diferentes modalidades de Assentamento Rural. **Retratos de Assentamentos**, v. 17, n. 2, p. 171-196, 2014.

LOPES, Antônio Wagner Pereira *et al.* **Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do estado de São Paulo.** (Relatório Técnico). Araraquara: Universidade de Araraquara, 2017.

MORAES, Rodrigo Fracalossi. **Agrotóxicos no Brasil:** padrões de uso, política da regulação e prevenção da captura regulatória. Texto para discussão/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2019. Rio de Janeiro: Ipea, 1990. ISSN 1415-4765.

MARQUES, Gláucia dos Santos *Et al.* Feminismo e agroecologia: aproximando campo e cidades. *Cadernos de Agroecologia*. ISSN 2236-7934. **Anais... VI CLAA**,

Freitas et al.

X CBA e V SEMDF, Vol. 13, N° 1, Julho, 2018.

MOREIRA, Sarah Luiza Souza. TELLES, Liliam. Aproximações entre feminismo e agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN 2236-7934. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, no 2, 2020.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. Departamento de ciências sociais, UFSC. **Revista Ciência Hoje**, n° 28/1987.

PISTICELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. Diferenças, igualdade. São Paulo, Berlandis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato**: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, 21, outubro, 2003.

WHITAKER, Dulce. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Editora Letras à Margem/CNPQ, 2002.